

A festa é um protesto: os artistas estão a reacender o ativismo político?

Sedera Ranaivoarinosy · 20.08.2026

CULTURA · POLÍTICA · SOCIEDADE

Será a festa o melhor antídoto para a extrema-direita? Enquanto os movimentos conservadores apertam o seu domínio sobre a política europeia e procuram capturar a cultura, um contraciclo de «Artivistas» emerge para reinspirar a Europa.

Enquanto os movimentos de extrema-direita apertam o seu domínio sobre a política europeia e procuram capturar a cultura - comprando meios de comunicação, instalando figuras partidárias nas instituições culturais e deslocando as fronteiras do discurso público -, um contraciclo está a emergir. Por todo o continente, «artivistas» estão a reconquistar a cultura como um espaço de resistência democrática e a usar a arte para promover solidariedade e inclusão. Conseguirão reavivar a imaginação política da Europa e remobilizar os cidadãos?

Este artigo foi originalmente publicado [no Green European Journal](#), em janeiro de 2026.

É uma noite chuvosa de sábado em setembro, num antigo terreno ferroviário desativado no sudeste de Paris, agora transformado num local temporário para eventos que celebram a inovação social e cultural. Apesar do dilúvio nesta segunda noite do Festival Fluctuations, o público - uma mistura animada de homens e mulheres com idades ali entre os 20 e os 45 anos - dança com força e canta em voz alta. No palco, quatro membros do coletivo francês Planète Boum Boum montaram uma atuação enérgica.

A multidão grita em uníssono: *La vraie menace n'arrive pas en bateau, elle est ici, c'est les fachos!* («A verdadeira ameaça não chega de barco, já está aqui: são os fascistas!»)

Enquanto batidas frenéticas de *techno* trespassam a multidão, os quatro intérpretes gritam os seus *slogans* ao microfone com convicção. Envolvem-se em coreografias simples mas eficazes que o público consegue facilmente reproduzir. Manter o tom não interessa muito; no palco e fora dele, todos estão a passar um belo momento politicamente consciente.

Por toda a Europa, coletivos, organizações sem fins lucrativos e indivíduos estão a organizar-se para reacender a chama do envolvimento democrático. Algumas das iniciativas mais bem-sucedidas têm mobilizado ferramentas que vão além do manual tradicional do ativismo político: as artes.

E no entanto, para lá do recinto do concerto, o ambiente político é radicalmente diferente. O primeiro abalo veio em 2002, quando Jean-Marie Le Pen, fundador da Frente Nacional e veterano do exército

acusado de torturar combatentes independentistas argelinos nos anos 1960, chegou à segunda volta das eleições presidenciais. Dezasseis anos depois, no entanto, o partido reinventou-se como Reagrupamento Nacional (RN, *Rassemblement National*) e goza agora de um apoio sem precedentes: o RN tem o maior número de representantes no Parlamento Europeu e é o maior partido na Assembleia Nacional.

Também pela Europa, o panorama político está a assumir um tom de azul cada vez mais escuro. Os partidos de extrema-direita estão no governo em mais de um quarto dos Estados-membros da UE. Mesmo nos países onde não governam, exercem uma influência considerável sobre o discurso político e público. Isto é também visível ao nível da UE, onde o Partido Popular Europeu – o maior grupo político no Parlamento Europeu – se tem alinhado cada vez mais com a extrema-direita.

Estes acontecimentos tornam cruciais os espaços de resistência – como aquele no sudeste de Paris. Por toda a Europa, coletivos, organizações sem fins lucrativos e indivíduos estão a organizar-se para reacender a chama do envolvimento democrático. Algumas das iniciativas mais bem-sucedidas têm mobilizado ferramentas que vão além do manual tradicional do ativismo político: as artes. O termo *artista* é cada vez mais usado para descrever pessoas que participam em protestos através da arte.

A resistência cultural, redescoberta

Uma junção de *art* (arte) e *activist* (ativista), este termo surgiu pela primeira vez em 1997 para descrever a união de artistas Chicano nos Estados Unidos e o movimento zapatista no México. Captava um momento em que a expressão artística e o ativismo de base se fundiram para desafiar as desigualdades sociais e políticas em ambos os países. Hoje, à medida que governos de direita em países como Itália, Alemanha, Hungria e França retiram financiamento às práticas artísticas independentes ou instalam figuras politicamente alinhadas à frente de instituições culturais fundamentais, o (re)surgimento desta abordagem politicamente motivada da arte parece especialmente significativo.

«Não inventámos nada de novo», diz Marie Cohuet, membro do coletivo Planète Boum Boum. «Quando olhamos para a história das lutas em todo o lado, houve sempre pessoas a fazer música, a cantar, a montar espetáculos e a fazer coisas que, de uma forma ou de outra, ajudam a manter a luta viva a longo prazo, a criar um sentido de coesão.»

A abordagem dos Planète Boum Boum combina a natureza histórica das *raves* com as teorias do filósofo francês Florian Gaité, especialista em *free parties*. Gaité defende uma visão radical do *clubbing* e da dança, na qual o esgotamento inútil, fútil e improdutivo do corpo é um ato de resistência anticapitalista.

O Planète Boum Boum, um coletivo de nove ativistas que se conheceram através da organização Action Justice Climat, diz que o seu objetivo é «trazer a festa aos protestos e o protesto às festas». Dão energia a marchas ou encontros políticos e são agora também frequentemente convidados para fazer *sets* de DJ

em clubes e eventos «apolíticos».

Apenas um membro do grupo tem formação musical formal, já que a maioria só começou a cantar quando o coletivo foi formado. Quando estes ativistas notaram que a música e a dança eram alavancas eficazes, decidiram incorporá-las no seu trabalho. A sua abordagem – que descrevem como *techno-ativismo* – combina a natureza histórica das *raves*, feitas para unir pessoas, com as teorias do filósofo francês Florian Gaité, especialista em *free parties*. Gaité defende uma visão radical do *clubbing* e da dança, na qual o esgotamento inútil, fútil e improdutivo do corpo é um ato de resistência anticapitalista.

A ascensão em popularidade dos Planète Boum Boum começou em 2023, quando um vídeo se tornou viral mostrando alguns dos seus membros a liderar uma marcha contra as impopulares mexidas nas pensões, através da dança. Desde então, o seu perfil no Spotify acumula centenas de milhares de reproduções.

«Vivemos tempos difíceis. O nosso contexto político está a deteriorar-se. Os ataques racistas estão a explodir, e temos desigualdades profundas. À escala global, é aterrador», diz Cohuet. «Penso que há uma verdadeira necessidade de nos unirmos e sentirmos que temos um certo poder e força quando nos unimos. A música cria mesmo isso. É isso que funciona bem com o Planète Boum Boum: usamos muita caricatura, sátira e humor. É importante sentir que não estamos condenados, que temos a capacidade de mudar as coisas.»

Graças às redes sociais, a visibilidade dos «ativistas» tem crescido, sustentando organizações sociais, ambientais e antifascistas.

O coletivo aborda uma grande variedade de temas. Planète Boum Boum aborda a justiça social e climática a partir de diferentes ângulos: apela à preservação dos serviços públicos, critica as reformas injustas das pensões em plena crise climática, denuncia a incompatibilidade entre as ideologias de extrema-direita e a ação ambiental. Isto acontece num momento crucial para a Europa: apesar da crescente consciência ecológica, os partidos Verdes e a regulação ambiental têm sofrido um revés à medida que o continente lida com o elevado custo de vida e uma guerra em solo europeu. Ao mesmo tempo, os partidos de extrema-direita têm capitalizado sobre estas crises, tanto para alimentar como para responder ao sentimento de insegurança dos cidadãos. Ainda assim, graças às redes sociais, a visibilidade dos *ativistas* tem crescido, sustentando organizações sociais, ambientais e antifascistas.

«Penso que há uma verdadeira necessidade de nos unirmos.», diz Marie Cohuet, dos Planète Boum Boum. «A música cria mesmo isso. Usamos muita caricatura, sátira e humor. É importante sentir que não estamos condenados, que temos a capacidade de mudar as coisas.»

«Colaboramos regularmente com sindicatos, meios de comunicação socialmente empenhados e coletivos ligados a causas. O objetivo é tentar dar destaque aos seus esforços e dar-lhes força, seja mobilizando

peessoas que normalmente não ouviriam falar destas questões, seja encaminhando-as para uma ação específica, como comparecer a uma manifestação numa determinada data, assinar uma petição, ou juntar-se a um coletivo», explica Cohuet. «Conseguimos chamar atenção para causas em momentos-chave, como a votação contra a inclusão de PFAS em produtos do dia a dia, a privatização do transporte ferroviário de mercadorias pelo governo ou as questões em torno [da lei Duplomb](#).»

Estas histórias de sucesso tiveram uma forte repercussão na sociedade francesa. Em fevereiro de 2025, os legisladores votaram a proibição dos PFAS (conhecidos como *químicos eternos*) em cosméticos, roupa, calçado e ceras de esqui, a partir de 2026. Em pleno verão de 2025, mais de 2,1 milhões de cidadãos assinaram uma petição alojada na plataforma oficial da Assembleia Nacional para exigir a revogação da lei Duplomb, que incluía uma cláusula que teria permitido a reintrodução de acetamiprida, um pesticida altamente cancerígeno. Sob pressão pública, o tribunal constitucional francês anulou a disposição controversa.

A música impulsiona a mudança na Grécia

Entretanto, outras organizações *ativistas* optaram por atuar a uma escala mais local. Por exemplo, a El Sistema Greece usa a educação musical para reforçar a inclusão social. Oferece aulas de música gratuitas em campos de refugiados e abrigos para menores não acompanhados, bem como para a população local em centros urbanos em Atenas e Corinto.

«Trabalhamos em três níveis: os nossos alunos, as suas famílias e depois a sociedade», explica Angeliki Georgokosta, diretora-geral da El Sistema Greece. «Trabalhamos com os nossos alunos para aumentar a sua autoestima. Tentamos criar um ambiente que encoraje e motive as crianças a tornarem-se cidadãos ativos. Quando temos as nossas aulas, os nossos concertos, temos pessoas de diferentes etnias, línguas e religiões. Todas se juntam apenas pela música.» Acrescenta que o objetivo da organização é tornar a sociedade grega mais aberta à diversidade e superar o medo do recém-chegado que vemos crescer no país.

«Tentamos criar um ambiente que encoraje e motive as crianças a tornarem-se cidadãos ativos. Quando temos os nossos concertos, temos pessoas de diferentes etnias, línguas e religiões. Todas se juntam apenas pela música.» - Angeliki Georgokosta, diretora-geral da El Sistema Greece.

Desde 2016, mais de 3.500 pessoas participaram nas aulas da El Sistema Greece. Só no ano letivo de 2024-2025, quase 16.000 pessoas assistiram às suas atuações.

«Fazemos concertos não só nos nossos espaços comunitários, mas também nos maiores teatros de Atenas, como o Centro Cultural da Fundação Stavros Niarchos e o Athens Concert Hall. Tentamos estar na cultura *mainstream*. Desta forma, pessoas que não estão diretamente ligadas aos alunos também veem esta orquestra a alcançar um bom resultado a partir de indivíduos de 40 nacionalidades diferentes e de

contextos tão distintos. Queremos espalhar a semente de que isto também pode ser a nossa sociedade», diz Georgokosta. «Usamos frequentemente repertório que não é clássico nem grego. Já usámos repertório dos países de cada um dos nossos alunos. Queremos celebrar todas as pessoas que existem dentro da nossa comunidade.»

A Grécia tem vindo a reforçar os controlos de imigração desde 2019, chegando ao ponto de emitir uma suspensão de três meses dos pedidos de asilo em julho de 2025, em violação do direito internacional. O seu governo também foi acusado de corrupção. Pelo menos 325.000 manifestantes reuniram-se em Atenas e em Salónica em fevereiro de 2025 para exigir justiça pelas 57 pessoas que morreram no acidente de Tempí em 2023, entre um comboio de passageiros e um comboio de mercadorias. Este acidente ferroviário, o maior da história do país, deu origem a um escândalo político contínuo. Relatórios oficiais afirmam que o acidente se deveu a erro humano e a uma rede ferroviária com falhas de manutenção, mas as famílias das vítimas alegam que os detalhes do acidente estão a ser encobertos. Um relatório pericial que encomendaram mostra que o comboio de mercadorias transportava químicos que provocaram a explosão e a asfixia de passageiros anteriormente ilesos pela colisão.

Mas o *ativismo* da El Sistema Greece cria pontes em comunidades fraturadas por um discurso político polarizado e os seus alunos recorrem à organização para navegar o clima politicamente aceso da Grécia. «Estamos a ver que [estes desenvolvimentos políticos] são difíceis de processar para toda a gente, mesmo para a nossa equipa. Por isso, estamos a reunir-nos com universidades e pessoas que trabalham há muitos anos nas ciências sociais para que possam liderar discussões sobre estes temas com todos os nossos alunos. Vemos como isso é crucial. Já não podemos evitá-lo.»

Este envolvimento vai expandir aquilo que a organização já tinha iniciado com o seu programa Young Leaders, um grupo de 15 alunos que se reuniu uma vez por mês para *workshops* sobre como poderiam usar a música, a El Sistema Greece e a sua comunidade para tomar decisões e falar sobre temas que lhes interessam. Um dos principais objetivos do programa foi ensinar os participantes sobre os direitos das crianças e os direitos humanos, para que pudessem compreender e defender os seus direitos e os dos outros.

«Estamos a tornar-nos num programa mais holístico, que não é só sobre música, mas sobre como esta pode ser usada como uma ferramenta poderosa para falar sobre as questões sociais mais prementes do nosso tempo. Trata-se também de criar espaço para que as crianças falem por si próprias, se expressem e digam como deve ser o seu futuro, para que tenham voz.»

Reencantar a política

O que está em jogo para os *ativistas*, seja à escala nacional ou local, é a mudança de narrativa: tanto quanto a quem conta a história e encarna novos futuros, como quanto ao imaginário coletivo que está a

ser promovido.

«A arte e a cultura são os últimos escudos que temos para defender a democracia, a liberdade, a nossa capacidade de compreender, respeitar e descobrir uns aos outros, e de ir além daquilo que nos torna diferentes. Também treina a nossa criatividade», diz Paula Forteza, fundadora da galeria parisiense Artivistas, que promove *artivistas* latino-americanos residentes em França e na América do Sul.

Forteza é copresidente da organização sem fins lucrativos *Démocratie ouverte* e foi deputada em França entre 2017 e 2022. Voltou-se para o *artivismo* como forma de explorar novos caminhos para a participação democrática, depois de perceber que a via política convencional não seria a mais eficaz para ela, dada a desconfiança institucional por parte dos cidadãos.

«O que senti na política é que faltava mesmo criatividade. Penso que os políticos fariam bem em fazer aulas ou *workshops* de arte para renovar as suas ideias», diz Forteza. «Penso que precisamos mesmo de desenvolver práticas artísticas. São antídotos aos valores da extrema-direita e ao que os seus porta-vozes tentam implementar: intolerância, desdém, agressão, violência e polarização.»

«O que senti na política é que faltava mesmo criatividade. Penso que os políticos fariam bem em fazer aulas ou *workshops* de arte para renovar as suas ideias» - Paula Forteza, fundadora da galeria Artivistas.

Esta batalha cultural está a tornar-se cada vez mais complexa, à medida que a extrema-direita também tem investido fortemente na esfera cultural para amplificar as suas mensagens e deslocar a janela de Overton, de forma a espalhar um discurso alimentado pelo ódio – através da aquisição de meios de comunicação e editoras, bem como pelo financiamento de produtos culturais que perpetuam narrativas históricas ultrapassadas de hegemonia branca.

À medida que as pessoas se afastam dos meios de comunicação e da política tradicionais, os *artivistas* desempenham um papel fundamental na manutenção viva da luta contra a injustiça. Guiadas pela criatividade, alegria e resistência não-violenta, as suas ações podem ajudar a construir uma sociedade solidária e participativa.

«Precisamos mesmo de desenvolver práticas artísticas. São antídotos aos valores da extrema-direita e ao que os seus porta-vozes tentam implementar: intolerância, desdém, agressão, violência e polarização.»

«Quando estudava na Argentina, escrevi uma tese em que cruzava períodos de crise económica com a atividade cultural e a produção artística. Através dos dados, tornou-se muito claro que, em tempos de crise, a atividade cultural explodia», recorda Forteza.

«O *artivismo* pode certamente reencantar a política – no sentido nobre da palavra – e as batalhas em torno dos valores. Penso que fala a um público mais alargado. Tem esse tipo de sinceridade inerente à

expressão artística, que vem do coração.»